

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Lucas Silva de Paula

**MOVIMENTO ESTUDANTIL BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: O RESGATE DO LEGADO
HISTÓRICO, OS NOVOS DESAFIOS E ESTRATÉGIAS.**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Marcos Alberto Patronis.

Juiz de Fora
2016

MOVIMENTO ESTUDANTIL BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: O RESGATE DO LEGADO HISTÓRICO, OS NOVOS DESAFIOS E ESTRATÉGIAS.

STUDENT MOVEMENT BRAZILIAN CONTEMPORARY: RESCUE OF HISTORICAL LEGACY, THE NEW CHALLENGES AND STRATEGIES.

Resumo

Esse trabalho apresenta um pouco das lutas do movimento estudantil contemporâneo, as conjunturas pelas quais atravessou - no período que vai dos anos 90 do séc. XX a 2014, destacando algumas de suas táticas e comportamento e a consequência das mesmas, também analisamos a política e a forma como se vê juventude alguns governos do período, o que influencia diretamente nas ações do movimento estudantil que deve traçar seus movimentos conforme a conjuntura que se apresenta para eles. Realiza-se ainda uma análise de como a base passa a legitimar ou não seus representantes observando as conexões entre os períodos de intensificação de luta e as reações daquelas bases a suas lideranças. Busca-se assim as consequências políticas de importantes fatos históricos ao qual o movimento estudantil está inserido como na luta contra a corrupção do governo Collor do qual o movimento estudantil teve importante protagonismo, na resistência ao período neoliberal do governo de Fernando Henrique, durante a chegada de Lula ao poder sendo ele o primeiro presidente eleito de um partido de esquerda, a mudança de paradigmas que o governo Lula e de sua sucessora trouxeram junto à juventude, até as manifestações de junho de 2013 nos rumos do movimento estudantil brasileiro.

Palavras-chave: Atuação Política, Conjuntura Política, História, Movimento Estudantil, Protagonismo Juvenil.

Summary

This paper presents some of the struggles of the contemporary student movement, the situations in which crossed - in the period of the 90 century. XX 2014, highlighting some of its tactics and behavior and the consequence thereof, we analyze the policy and how we see youth some governments of the period, which directly influences the actions of the student movement that must trace their movements according to the situation which is presented to them. It carried out further analysis of how the base becomes legitimate or not their representatives observing the connections between the periods of intensified fighting and the reactions of those bases to their leaders. so looking up the major political consequences historical facts to which the student movement is inserted as in the fight against Collor government corruption which the student movement played an important role in resistance to the government's neoliberal period of Fernando Henrique during the arrival Lula to power it being the first elected president of a left-wing party, the paradigm shift that Lula and his successor brought by the youth, to the demonstrations of June 2013 in the course of the Brazilian student movement.

Keywords: Politics Performance, Conjuntura Politics, History, Student Movement, youth participation.

1.Introdução

Neste trabalho é realizada uma leitura e análise do movimento estudantil brasileiro contemporâneo suas lutas e vitórias, os problemas pelos quais passou e os efeitos os efeitos de diferentes conjunturas nacionais sobre o mesmo.

Considerando a importante contribuição do movimento estudantil ao longo da história do Brasil nas principais lutas sociais, visamos através da leitura de artigos científicos compreender as conjunturas brasileiras demarcadas pelo período que vai dos anos 90 até o ano de 2014 e a configuração do movimento estudantil brasileiro que acabou sendo diretamente afetado por aquelas. Dessa forma vamos ver a importância histórica do movimento estudantil e também sua influência e colaboração nas principais lutas sociais presentes e como as mudanças de conjuntura afetaram a ação e o comportamento do movimento estudantil que foi se moldando através de diferentes estratégias. Observando-se a opinião de sua base sobre o mesmo, com a crise de legitimidade (um problema recorrente no movimento estudantil) até nos períodos de acirrada luta política e um certo isolamento das lideranças com sua própria base,

analisamos assim o que pensam os estudantes sobre seus representantes e quais fatores ajudam a deslegitimar as entidades do movimento estudantil.

Partimos da análise do movimento estudantil no período neoliberal da década de 90, passando pela geração dos caras pintadas no fora-Collor até a resistência contra as privatizações, a mercantilização e a acentuação de políticas neoliberais do governo Fernando Henrique Cardoso.

Percorremos a chegada do presidente Lula ao poder no início do novo milênio, observando as mudanças na configuração do movimento estudantil com a chegada do primeiro partido de esquerda ao poder na história do Brasil. Aqui focaremos nas importantes mudanças para as políticas de juventude que os governos Lula e de sua sucessora Dilma trouxeram, com forte investimento na educação e na juventude de forma geral, tendo o jovem papel de destaque para o desenvolvimento nacional.

Chegamos as manifestações de junho de 2013, seus desdobramentos e as consequências no cenário político brasileiro, as causas e reivindicações dos manifestantes e as conquistas e os muitos retrocessos que ocorreriam depois com a nova conjuntura do país, que viria a passar por uma das maiores crises políticas de sua história e enfrentaria a maior crise econômica desde de o início do governo Lula.

2. O movimento estudantil brasileiro contemporâneo, resistência e luta para os novos tempos

2.1 A crise de representatividade no período neoliberal

Nos anos 90 há uma ascensão do neoliberalismo pelo mundo, o que ocorre também no Brasil, muitos dos direitos conquistados pelos movimentos sociais ao longo de décadas acabam sendo ameaçados e mais uma vez a juventude é o segmento da população mais afetado, principalmente nos países mais pobres e menos desenvolvidos, com o processo de globalização neoliberal, a relação de direitos e igualdade é interrompida, com a nova política econômica, agora baseada na financeirização. É nessa luta por assegurar os direitos sociais que antes eram garantidos e que estavam sendo postos em risco pelas políticas imediatistas e neoliberais que a juventude começava a década de 90. Em 1992 após sucessivos escândalos de corrupção, há uma das maiores manifestações da história do Brasil, a juventude se pinta e sai às ruas pelo “Fora Collor”, o que culminou na renúncia do então Presidente Fernando Collor, em um período de manifestações que ficou marcado na história do país e foi conhecido como “os caras pintadas”, e teve o movimento estudantil como um dos protagonistas; uma de suas lideranças era o então presidente da UNE (União Nacional dos Estudantes) Lindbergh Farias.

Com a eleição em 1994 de Fernando Henrique Cardoso, as políticas neoliberais se tornariam cada vez mais a inimiga número um da juventude brasileira, as lutas do movimento estudantil na resistência contra essas políticas - que foram ainda mais ampliadas neste governo tiveram como marcas o combate contra as privatizações em importantes empresas estatais, o sucateamento da educação pública, acompanhada de uma mercantilização da educação que estava sendo feita, privilegiando o ensino particular em detrimento do ensino público, , as políticas para jovens dotadas de um caráter emergencial e cada vez mais imediatista, taxando assim a juventude como problema social que foi sendo maquiado com ações pontuais do governo, sem planejamento e uma análise maior sobre a problemática da juventude. Desta forma, agiam delimitando a juventude como problema de soluções pontuais. O movimento estudantil ainda tinha duras lutas pela frente contra os cortes para a educação, pela ampliação de vagas disponíveis no ensino superior, contra a mercantilização do ensino que avançava com grande velocidade, medidas essas impostas através de órgãos do capital como o FMI (Fundo Monetário Internacional) e o Banco Mundial, contra a fragmentação das instituições de ensino superior, contra os provões deste governo (método de avaliação considerado abusivo pelos estudantes), a falta de qualificação para os professores e uma maior viabilização para o primeiro emprego do jovem profissional que acabava de se formar, além da demanda de uma universidade mais inclusiva e que contribuísse para a sociedade com uma produção científica voltada aos interesses da maioria dos brasileiros.

Durante os anos 90 houve também uma ascensão das organizações não governamentais (ONGs) e de fundações que passaram a ser cada vez mais importantes já que faziam o papel do estado, delimitando os problemas da juventude e agindo de forma planejada pensando no jovem como solução e não só um problema social. Foram agentes fundamentais entre os jovens, trazendo consigo o discurso do protagonismo juvenil, que tinha no jovem a capacidade de ser um protagonista na sociedade, se deslocando de uma posição passiva, para uma ativa, onde deixaria de ser apenas beneficiário ou

depositário de conhecimento, para se tornar protagonista, como bem sendo assim um ator principal para o desenvolvimento do país. O lazer e o cotidiano do jovem passam a ser mais importantes, tendo a luta pelos interesses pessoais um caráter fundamental também na busca pelas melhorias dos espaços coletivos. Segundo Souza, as novas formas foram caracterizadas pela autonomia e pela defesa de direitos, que se tornam fundamentais para realização de seus objetivos como um todo, assim o jovem passou a ter um caráter muito mais empreendedor e menos ideológico do que outrora, levando-se em conta também o envolvimento de fundações (geralmente, grandes corporações) nesse processo em uma década dominada por uma política pautada pelo mercado. O discurso do ator social e do ato de cidadania, onde você seria o grande responsável pelas transformações, independente das ações do Estado, agradava a essa política, a visão empreendedora buscava soluções apenas para o que te afetava diretamente, dessa forma o objetivo pessoal se tornava o alvo final.

Esta década assinala ainda um dos grandes problemas do movimento estudantil brasileiro a crise de representatividade enfrentada por este, com a juventude tendo um caráter mais apartidário e individualista ocorreu um distanciamento entre a base e suas lideranças, mostrando-se um movimento perigoso visto que isto podia com o tempo deslegitimar o movimento estudantil como um todo. Alguns problemas eram também internos do movimento como a sua fragmentação cada vez maior (devido a disputas internas), uma das soluções foi a de tentar conscientizar cada vez mais os estudantes de sua importância no seu engajamento na sociedade, sendo ativo nas decisões e ações mobilizadoras, e de tentar manter na medida do possível unidade dentro do movimento estudantil, assim aproximando a base dos acontecimentos dentro do movimento e mantendo uma coesão maior dentro da entidade entre as lideranças. Com todas essas dificuldades e desafios, a década de 90 se configurou como um período de resistência ao neoliberalismo, ao seu final, o movimento estudantil brasileiro com todas as dificuldades encontradas conseguiu enfrentar e conquistar importantes vitórias, provando-se um período vitorioso em que conseguiu resistir e ir para o enfrentamento contra as políticas neoliberais do governo, como na luta contra a Área de Livre Comércio Americana, uma política neoliberal que beneficiaria os Estados Unidos, e sucatearia ainda mais a indústria e empresas brasileiras.

2.2 Um breve resgate histórico do movimento estudantil

Com toda essa dificuldade de legitimação para com a sua base, o movimento estudantil recorreu ao resgate histórico de suas conquistas e lutas, o jovem como um espírito revolucionário, por ter mais disponibilidade à mudança é um mito que vem sendo passado e repassado para mostrar o caráter da juventude como sendo única e mostrando-se como uma ferramenta de transformações sociais, culturais e políticas. O jovem dotado de um maior espírito de aventura, mais propício a se arriscar, pois ainda não está enraizado no status quo da sociedade, assim é visto com esse olhar de rebeldia. O estudante como protagonista das lutas sociais é algo recorrente ao longo da história, sendo visto em nosso país em diversos momentos marcantes ao longo dos anos, podemos citar as participações do jovem estudante na inconfidência mineira, nas lutas abolicionistas, nas campanhas da UNE durante a primeira grande guerra mundial, na criação da PETROBRAS, na luta contra o analfabetismo, na luta contra a ditadura e pela redemocratização, na conquista do voto aos 16, na luta contra o neoliberalismo e suas privatizações, pela ampliação de vagas e qualidade do ensino, para um maior investimento na educação e na produção científica, pelo desenvolvimento nacional. Dessa forma o movimento estudantil brasileiro regatou seu legado de lutas sociais para se reaproximar de sua base, estratégia essa sempre renovada e reutilizada para fortalecer o presente das organizações.

2.3 O movimento estudantil e os desafios do novo milênio

O movimento estudantil brasileiro ao longo de sua história tornou-se um dos mais importantes setores nos movimentos sociais do Brasil, seu histórico de lutas sempre foi extenso sendo combativo e presente em lutas sociais por nosso país. Na atualidade o movimento sofre com alguns problemas como sua representatividade que é contestada por muitos estudantes que não se sentem representados por diversos motivos, muitos reclamam do aparelhamento das maiores entidades estudantis do Brasil (União Nacional dos Estudantes e União Brasileira dos Estudantes Secundaristas) por grupos partidários, entre outros fatores reclamam também da falta de envolvimento das entidades em lutas mais específicas (do cotidiano do estudante) e mais recentemente da passividade com que o movimento estudantil lidou com o

governo. Visto que desde a eleição do presidente Lula em 2002 a relação do governo com a sociedade mudou, assim, tanto o movimento estudantil quanto os movimentos sociais de forma geral tiveram pela primeira vez um governo mais aberto e disponível ao diálogo, sendo Lula o primeiro presidente eleito do Brasil vindo de um partido de esquerda (o Partido dos Trabalhadores), com uma conjuntura muito diferente da realidade na qual encontrava-se inserido o movimento estudantil anteriormente. Tendo também um amplo apoio da juventude que ajudou a elegê-lo, Luís Inácio Lula da Silva expressou a esperança de milhões de brasileiros na possibilidade de mudança, sendo os jovens seus principais entusiastas, com a esperança dos novos tempos que sopravam um mundo melhor. Assim passou-se também por uma reconfiguração no modo de lidar do movimento estudantil com o governo, buscava-se agora compreender a situação das políticas públicas de juventude nesse novo governo. Sobretudo, levando-se em consideração o legado nefasto recebido do presidente anterior, com a abertura de espaços para a juventude e os estudantes, o movimento estudantil passou a ver um espaço para debater e formular propostas que antes não conseguia ter.

Talvez o maior mérito do vitorioso movimento estudantil de hoje tenha sido compreender o novo momento político a partir da eleição de Lula, em 2002. Diferente de FHC, Lula abriu o diálogo com a juventude, e mesmo que não tenha atendido a todas as reivindicações, reconheceu a justeza de suas ideias. (SANTOS, Carla. DIA DO ESTUDANTE: O MOVIMENTO ESTUDANTIL NÃO VIVE DO PASSADO. Em: <http://www.une.org.br/2012/08/dia-do-estudante-o-movimento-estudantil-nao-vive-do-passado/>. Acesso em: 10/06/2016)

Entre diversos avanços podemos citar que nos governos Lula e Dilma (sua sucessora) os investimentos na educação tiveram grande aumento, sendo que o orçamento do Ministério da Educação por exemplo, saltou de R\$ 18 bilhões em 2002 para R\$ 115,7 bilhões em 2014 além disso uma Política Nacional de Juventude (PNJ) foi apresentada e marcada pela criação da Secretaria Nacional de Juventude, do Conselho Nacional de Juventude e do Programa Nacional de Inclusão de Jovens o Projovem, além de uma grande expansão e interiorização das universidades federais e junto à criação de inúmeras escolas técnicas por todo o Brasil, dessa forma a educação passou a ser ferramenta de combate às desigualdades e motor do desenvolvimento nacional.

Durante o governo Lula, reivindicações do movimento estudantil históricas foram atendidas e debatidas, dessa forma a juventude deixava de ser um problema policial como era tratada nas políticas anteriores e se tornava então um importante instrumento do planejamento e do desenvolvimento nacional, mostrando a nova forma do governo em lidar com a juventude o movimento estudantil passava também por uma nova forma de agir, tendo o governo agora como aliado e não como inimigo. Neste governo foram criados diversos programas voltados para a juventude, conseguiu-se construir um conjunto de ações no intuito de superar nove desafios para as políticas de juventude elencados pelo grupo interministerial em 2004 destacando-se: a ampliação do ensino técnico, a ampliação dos campi de universidades federais (visando expandir esses campi para o interior do país), o Prouni, o Pronaf Jovem, o Projovem, os Pontos de Cultura, o Programa Escola Aberta, o Programa Nossa Primeira Terra, com a Educação Básica e por fim o Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania- PRONASCI, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional. Observamos assim como o governo passou a tratar as políticas de juventude, dando uma importância para as mesmas e tornando-as ferramenta fundamental para o projeto de desenvolvimento nacional. Como Lula escreve nesse trecho:

Por Luiz Inácio Lula da Silva. 'Durante muitas décadas, o Estado brasileiro foi omisso, deixando a juventude fora de suas prioridades. Todo jovem precisa ter oportunidade para não se desviar e cair na marginalidade. Nós, para recuperar o tempo perdido, estamos atacando o problema com mais educação e mais emprego. Desde 2003, 12,7 milhões de pessoas entraram para o mercado formal de trabalho no País, um recorde histórico. [...] são cerca de 3,3 milhões de novos postos de trabalho com carteira assinada gerados no Brasil para a faixa de 18 a 29 anos. [...] os cursos profissionalizantes aumentam em até 48% a chance de conseguir emprego, e com salário 12% maior. Veja que, em quase cem anos, o Brasil construiu 140 escolas técnicas — e apenas no nosso período de governo estamos construindo mais 214. Dessas, 119 já estão em funcionamento. [...] aumentamos o número de vagas de entrada nas universidades federais de 113 mil, em 2003, para 227 mil, em

2009. Estamos construindo 14 novas universidades e 124 extensões universitárias, sobretudo no interior. E com o Prouni, fornecemos bolsas de estudos para 704 mil jovens carentes cursarem faculdades particulares. [...]estamos atentos também à parcela da juventude que está fora da escola e do mercado de trabalho e, por isso, instituímos o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem), que é executado em parceria com vários ministérios e oferece a conclusão do ensino fundamental e capacitação profissional. [...]De 2003 até o final de 2010, pelo menos 11 milhões de jovens terão sido atendidos pelos programas citados e pelo Pronasci, Pontos de Cultura, Pronaf Jovem, Programa Segundo Tempo, Bolsa Variável do Jovem (do Programa Bolsa Família) (CINTRA, André. Como a juventude se tornou prioridade no governo Lula. Em: <<http://vermelho.org.br/noticia/130975-1>>. Acesso em: 10/06/2016)

Nos governos Lula/Dilma, foram realizadas conferências e encontros e instituídos o Conselho Nacional de Juventude, a Secretaria Nacional de Juventude entre outros. Lula foi o presidente que mais criou universidades (14) e escolas técnicas (214) no Brasil, tendo o número de vagas no ensino superior dobrado durante o governo Dilma (sucessora), importantes decisões políticas desse período fizeram com que o tema Juventude saísse das páginas policiais para ingressar nas páginas de cidadania. Com a criação do conselho e da Secretaria Nacional de Juventude é intensificado ainda mais os programas voltados para os mesmo, com isso é formulado o Estatuto da Juventude um marco para a juventude Brasileira que por muito tempo tramitou até ser finalmente aprovado (de 2004 à agosto de 2013). Sendo uma importante ferramenta para determinar quais são os direitos das jovens e dos jovens que devem ser garantidos e promovidos pelo Estado brasileiro, ainda em 2008 foi realizada a 1ª Conferência Nacional de Juventude, processo que mobilizou mais de 400 mil pessoas e resultou na aprovação de 22 prioridades da Política Nacional de Juventude, e importante passo para as conquistas sociais da juventude brasileira. A partir de agora a juventude tem uma agenda constante para a formulação e debate sobre seus problemas e soluções, tornando-se parte de uma agenda pública que incorpore as várias políticas governamentais de forma integral, para possibilitar e articular ações de enfrentamento às diversas violações de direitos sofridas pelos jovens, o estatuto vai ganhando força com a sociedade civil. Sendo importante para “assegurar” o respeito à dignidade e à autonomia do jovem, a não discriminação, o direito à participação social e política e à representação juvenil, o direito à cultura, à mobilidade, dentre outros, ficou estabelecida também a faixa dos 15 aos 29 anos como o período da juventude, sendo dos 15-17 jovem-adolescente, dos 18-24 jovem-jovem e dos 25-29 jovem-adulto, para facilitar a problemática de cada faixa etária. O estatuto trouxe também alternativas a problemas como o desemprego, a violência, a permanência nos estudos e outros temas que acabaram sendo minimizados devido às concessões que tiveram que ser negociadas para a aprovação do texto como, gravidez precoce, prevenção sexual, entre outros.

Além dessas conquistas da juventude como um todo e da grande expansão das universidades e das escolas técnicas, o investimento no ensino de base também cresceu “a redução do analfabetismo de jovens e adultos: de 11,5% em 2004 para 8,7% em 2012. Na faixa de 15 a 19 anos, a taxa é atualmente de apenas 1,2%, muito inferior à média geral, o que demonstra a eficácia das políticas para a educação básica.” (Em: <<http://www.pt.org.br/wp-content/uploads/2014/09/CARTILHA-FINAL.pdf>>. Acesso em: 13/06/2016.). Observamos também que em 2006, fruto de muita luta, a UBES conseguiu dar os primeiros passos rumo à uma reformulação do ensino médio e à construção de uma nova escola com a obrigatoriedade da inclusão das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo das escolas públicas e privadas. Depois de décadas que essas disciplinas foram extintas no período militar e ainda após os dois mandatos do sociólogo que nada mudou, tivemos em seu sucessor - um operário - o presidente que retornou com essas disciplinas às grades do ensino médio. Com essa nova época de um governo popular que deu abertura aos movimentos sociais e ao movimento estudantil, as formas de abordagens foram se modificando e as próprias organizações inseridas nos movimentos sociais foram aprendendo a se readaptar para cobrar e pressionar o governo. A UNE (União Nacional dos Estudantes) avançou em suas reivindicações, defendendo a reforma universitária, com aumento do acesso e permanência dos jovens brasileiros no ensino superior. Em 2004, foram realizadas duas caravanas por diversos estados do país levando aos estudantes temas como a própria reforma e também a cultura, daí surgiu através do diálogo com o governo federal importantes programas para o ensino superior como o ProUni que garante bolsas em universidades particulares para estudantes de baixa renda e o Reuni que trouxe expansão sem

precedentes às universidades no Brasil, levando a universidade pública para o interior e expandindo o número de vagas oferecidas pela mesma. Esses programas sociais desenvolvidos nos últimos anos junto com os programas educacionais tiveram um forte impacto, das políticas de acesso à educação superior ao ensino técnico.

O ProUni (Programa Universidade para Todos) já beneficiou mais de 1,4 milhão de jovens desde 2005. Por meio do Fies foram formalizados mais de 1,6 milhão de novos contratos de financiamento estudantil. Vale lembrar ainda que 8 milhões de jovens já puderam se profissionalizar pelo Pronatec (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego) e 83,2 mil brasileiros receberam bolsas para estudar no exterior pelo Ciência sem Fronteiras, lançado há 3 anos.” (CASSIS, Thiago. A nova cara da universidade brasileira. Em: <<http://ujs.org.br/index.php/noticias/a-nova-cara-da-universidade-brasileira/>> Acesso em: 12/06/2016.)

Com o maior número de vagas e a expansão das universidades, a permanência era então o grande desafio, por isso a luta por mais assistência estudantil passou a ser uma das principais pautas da UNE, junto com a cobrança de uma infraestrutura adequada nos campi das universidades, assim algumas bandeiras históricas foram sendo apresentadas pelo movimento estudantil ao governo e com muita perseverança algumas foram conquistadas durante os governos Lula/Dilma, como os 10% do PIB (Produto Interno Bruto) para a educação com a aprovação do Plano Nacional da Educação (PNE) em 2014.

Certo é que, apesar das boas notícias, muito ainda há de ser conquistado pela juventude deste país. Não é novidade que a qualidade da educação básica permanece sendo um desafio quase invencível para os governos municipais, estaduais e federal. Também para a grande maioria dos jovens trabalhadores estudar tornou-se um desafio hercúleo a ser vencido diariamente, já que depois de uma longa jornada de trabalho entrar na sala de aula no fim do dia é quase um milagre. O acesso à cultura ainda é um mistério para a maioria da juventude que mora na periferia. Mesmo o emprego digno, em que pese as tentativas para regulamentar o estágio, permanece um caso raro de se ver. Estas são apenas algumas das muitas questões que fazem do movimento estudantil algo tão essencial ao século 21 quanto foi ao século 20. Por mais que os tempos mudem, algumas amarras persistem ao tempo. É contra estas amarras, que impedem a liberdade do homem indivíduo sonhar-se coletivo, por que luta a juventude. A nova geração de lutadores não aparece na TV, mas é a responsável pelo João, pedreiro e pai do José, estar agorinha mesmo comentando com o seu patrão: “ – Sabe chefe, meu fio tá no primeiro ano do curso de Medicina. Eu nem acredito que já posso sonhar em tê um fio dotô ”. É, esperança só vale muito pouco para quem nunca precisou dela.” (SANTOS, Carla. DIA DO ESTUDANTE: O MOVIMENTO ESTUDANTIL NÃO VIVE DO PASSADO. Em: <<http://www.une.org.br/2012/08/dia-do-estudante-o-movimento-estudantil-nao-vive-do-passado/>>. Acesso em: 10/06/2016)

2.4 As jornadas de junho e seus efeitos

Em junho de 2013 iniciaram-se grandes manifestações que iriam se tornar marcantes na história do país, no início eram protestos específicos do Movimento Passe Livre contra o aumento das tarifas de ônibus na cidade de São Paulo, depois espalharam-se pelo território Brasileiro e ganharam novas bandeiras, protestando por seus direitos básicos assegurados e na luta pela ampliação desses, como melhorias na saúde, na segurança, na educação e contra a corrupção, culminando ainda com a copa das confederações (competição teste para a copa do mundo) no Brasil. Essas manifestações foram recorrentes e se alongaram por um tempo, tiveram uma grande possibilidade de mobilizar a sociedade e conquistar avanços concretos nas políticas sociais e em ajustes necessários como reformas estruturais para o avanço do país, mas predominaram as críticas do senso comum aos investimentos para a copa do mundo em detrimento das obrigações do Estado, ampliado pelo discurso da mídia, o movimento foi se fortalecendo com um aspecto anticopa e com as dificuldades de lideranças em assumir a direção política das manifestações, a massa que protestava foi ficando dispersa e com um caráter muito individual e

menos coletivo, com as Jornadas de 2013, que poderiam ter avançado com diversas conquistas sociais acabou se tornando importante ferramenta da luta política e usada por setores conservadores da política brasileira, mesmo com alguns avanços conquistados em reflexo da pressão das massas que foram para às ruas, vieram juntos inúmeros retrocessos como veremos.

A educação obteve duas importantes conquistas para viabilizar o financiamento da meta de 10% do PIB para o setor: a vinculação de 75% dos royalties do petróleo e de 50% do fundo social do pré-sal. Essa vinculação vale até que a meta de 10% do PIB para a educação seja atingida. O governo estima que bilhões de reais serão investidos no setor pelos próximos anos. (Em: <<http://ubes.org.br/memoria/conquistas/>> Acesso em: 14/06/2016.)

Em 2014 Dilma foi reeleita presidenta e com ela se elegeu a bancada mais conservadora da história do congresso nacional, com uma apolitização sendo gerada pelo senso comum com grande contribuição da grande mídia brasileira ao demonizar a política, causando um sentimento de desesperança na população, o que acabou culminando nos resultados das urnas na eleição de 2014. Os efeitos produzidos por isso são vivenciados até hoje e seus desdobramentos ainda são imensuráveis. Uma crise política forte dominou o início do segundo mandato do governo Dilma, com muita dificuldade para colocar em ação seu plano de governo e sem conseguir fazer reformas estruturais necessárias devido às dificuldades em lidar com o parlamento, coincidindo ainda com a maior crise financeira que o Brasil vivia desde de o início do governo Lula. Velhos problemas que o movimento estudantil enfrentou principalmente na década de 90 retornaram com maior força junto ao novo momento de crise ao qual o Brasil passa, com a falta de representatividade, é gerada uma crise de legitimidade entre os estudantes que começam a negar novamente as principais entidades do movimento estudantil como suas representantes, esta ainda generalizada para os movimentos sociais e os partidos políticos que com a falta de crença da população no sistema político atual e sem novas perspectivas de mudança são diretamente afetadas por esse sentimento. Reinvidicações do movimento estudantil como uma ampla reforma política que foram ecoadas também em 2013 acabaram perdendo força, e a crise de representatividade já anunciada pelas entidades dos movimentos sociais se refletiu cada vez mais com um congresso conservador em sua maioria composta por homens brancos e velhos. A bandeira contra a corrupção contraditoriamente ajudou na eleição de um congresso cheio de políticos jogados por corrupção, com o crescimento das forças conservadoras e retrógradas na sociedade que foram aparecendo com a crise econômica e política pela qual passa o País o discurso apolítico ganhou força, e o conservadorismo invadiu também o ambiente acadêmico, onde se ganha força um projeto de lei criado em 2004 para proibir os professores de “cooptarem” ideologicamente seus alunos (escola sem partido).

Hoje, se debate no Congresso Nacional um perigoso projeto intitulado “Escola Sem Partido”, que recebeu recentemente a simpatia do governo ilegítimo e do seu Ministério da Educação. Ao invés de defender um sistema de ensino livre e crítico, trata-se, na verdade, do contrário. É uma iniciativa de censura e perseguição à liberdade de expressão dentro do ambiente escolar, amplamente garantida pela Constituição Brasileira após o fim da ditadura militar. (LANES, Camila. Não à “Escola Sem Partido”, sim à Escola Democrática!. Em: <<http://ujs.org.br/index.php/noticias/nao-a-escola-sem-partido-sim-a-escola-democratica-por-camila-lanes/>> Acesso em: 17/06/2016.)

Observava-se que desde do início das jornadas de junho de 2013 esse sentimento apartidário vinha crescendo, com importante função da mídia brasileira que teve papel fundamental nesse aspecto, a demonização da política se tornou cada vez maior e isso acabou gerando um sentimento de desesperança para a população, as reformas estruturais necessárias e que tanto foram reivindicadas pelos movimentos sociais se estagnaram as tentativas de avanços nesses aspectos foram barradas ou pelo congresso ou pela população que informada de forma distorcida pela grande mídia se voltava contra as reformas necessárias que contraditoriamente a mesma tinha como demanda mas que passava a ver de outra forma com o senso comum que se criava com a mídia brasileira.

Uma das reformas estruturais mais necessária está dentro do sistema político brasileiro que favorece aos candidatos com mais verba para campanhas e aos grandes “investimento” que as empresas

fazem para candidatos (esperando favorecimentos e retorno dos candidatos que elas financiam) sendo essa uma das raízes da corrupção no sistema político brasileiro.

“Hoje há um consenso de que há uma crise profunda no sistema político brasileiro. E que se torna necessário a realização de uma reforma política. A questão que se coloca é qual tipo de reforma política de que o País necessita. [...] (ARANTES, Aldo. Aldo Arantes: As razões do colapso do sistema político. Em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/283053-1> Acesso em: 18/07/2016)

Além de não se avançar nesse aspecto houve ainda uma tentativa de uma reforma política conservadora que na verdade poderia ser até um retrocesso para o sistema político brasileiro.

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso [...] O que entende por luz no fim do túnel: a continuidade da influência do poder econômico nas eleições, a adoção de um sistema eleitoral que aprofunda o caráter elitista do estado brasileiro e a imposição de normas restritivas aos partidos políticos entre as quais a chamada cláusula de barreira. É a antirreforma. A “reforma política” do poder econômico. (ARANTES, Aldo. Aldo Arantes: As razões do colapso do sistema político. Em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/283053-1> Acesso em: 18/07/2016)

Sem os avanços no sistema político se manteve a crise política e a crise de representatividade pela qual passa a política nacional. Outro ponto necessário é a reforma da mídia (democratização da mídia) com o medo de perder seus privilégios a grande mídia fez uma campanha contra os projetos de democratização da mídia ao fazer isso parecer um movimento para a censura, o movimento estudantil esteve à frente de inúmeras lutas pela democratização da mídia fazendo inúmeras caravanas e eventos pelo país, mas a mídia produziu um censo comum de que isso era uma tentativa de censura por parte do governo, sendo que uma das dificuldades encontradas vem através da centralização exercida pelos grandes meios de comunicação, visto que esses meios dificultam o processo para a democratização da mídia no país.. “Manuela D’Ávila, do PCdoB-RS [...] ‘O povo brasileiro tem direito de não ter uma mídia dominada por cinco famílias.’” (MELO, Mariana. A democratização da mídia e quem a defende. Em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/conheca-cinco-candidatos-ao-congresso-que-defendem-a-democratizacao-da-midia-9981.html>> Acesso em: 13/06/2016.)

A candidata pelo PCdoB-RJ, Jandira Feghali [...] É um tema difícil porque traz a possibilidade de gerar consciência política e protagonismo social, interferindo nos interesses daqueles que de fato exercitam o poder no Brasil. No Congresso, há muitos detentores de meios de comunicação, como deputados e senadores”. (MELO, Mariana. A democratização da mídia e quem a defende. Em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/conheca-cinco-candidatos-ao-congresso-que-defendem-a-democratizacao-da-midia-9981.html>> Acesso em: 13/06/2016.)

Para Emiliano José, candidato a deputado federal pelo PT-BA, a concentração da mídia no Brasil contraria frontalmente a Constituição. [...] ‘Nós não avançamos quase nada quanto à democratização e regulação da mídia. O que se pretende, tão somente, e não seria pouco, é regulamentar os artigos da Constituição que tratam do assunto. A mídia hegemônica, neste caso, quer estar longe da lei, longe da Constituição.’” (MELO, Mariana. A democratização da mídia e quem a defende. Em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/conheca-cinco-candidatos-ao-congresso-que-defendem-a-democratizacao-da-midia-9981.html>> Acesso em: 13/06/2016.)

Miro, como Borges é chamado, começou sua exposição [...] ‘A mídia é um duplo poder: econômico e político, o único que tem liberdade é o dono. Ainda tem os interesses ideológicos e a conseqüente manipulação da informação. O que não interessa é omitido e o que interessa é realçado. Atualmente, 30 impérios comandam a comunicação no mundo. No Brasil, está na mão de apenas sete famílias: Marinho (Globo), Abravanel (SBT), Saad (Band), Macedo (Record), Frias (Folha), Mesquita

(Estadão) e Civita (grupo Abril)'. (BLUMBERG, Patrícia. BRASIL VIVE ATRASO SECULAR PARA DEMOCRATIZAÇÃO DA MÍDIA. Em: <<http://www.une.org.br/2013/01/brasil-vive-atraso-secular-para-democratizacao-da-midia/>> Acesso em: 11/06/2016.)

Essas duas reformas que são consideradas urgentes para o fim da crise política e por uma maior representatividade dentro do sistema político brasileiro caminharam muito pouco, poucas medidas foram tomadas para uma verdadeira reforma política no Brasil e o cenário não é muito animador para os próximos anos, visto que o congresso é um dos mais conservadores da história. Menores ainda foram os avanços pela democratização da mídia que, como foi dito, o oligopólio midiático conseguiu barrar um debate mais amplo sobre o tema e o senso comum gerado na população com grande influência da mídia impediu a população de reivindicar assim um canal mais amplo com um meio de comunicação mais democratizado e representativo.

3. Considerações finais

Com as leituras feitas para a composição deste artigo observei que os períodos de maior acirramento da luta política também foram os mesmo em que o movimento estudantil brasileiro mais sofreu com crises de legitimidade, destacando a função da mídia em produzir um senso comum que afetou diretamente nas atuações de diversos segmentos dos movimentos sociais, além de lidar com o enfrentamento e a resistência na luta para assegurar e ampliar os direitos da população, o movimento estudantil teve que se remodelar para atingir sua base e não ser deslegitimado nesses momentos.

Observando-se as diferenças das conjunturas políticas e sociais do período estudado destaco a luta protagonizada pelo movimento estudantil contra a corrupção do governo Collor que culminou em sua renúncia, a resistência e o enfrentamento ao período neoliberal do governo FHC, e a reconfiguração do movimento estudantil que foi necessária com a mudança conjuntural que ocorreu com a chegada de Lula à presidência e a nova política para com a juventude de seu governo, com conquistas históricas sendo alcançadas pelo movimento estudantil mostrando-se um período de grandes avanços para a juventude brasileira, até as manifestações de 2013 que acirraram o ambiente político e trouxeram consequências como o início da crise política que perdura até o momento atual em nosso país. Desde aquela época tivemos também uma acentuação da crise econômica pela qual o país passa, a deslegitimação dos movimentos sociais e de partidos políticos, e as manifestações que se iniciaram em junho de 2013 com o tempo foram se dispersando ao longo do tempo e com um caráter individualista trouxeram poucas conquistas efetivas, sendo usadas para atos políticos conservadores, culminando nas eleições de 2014 com o congresso mais conservador desde 1964, ano do golpe militar no Brasil.

Assim, mais uma vez em sua história o movimento estudantil tem que se remodelar para se reaproximar de sua base que, guiada pelo senso comum, cada vez mais se afasta de suas lideranças; em novos tempos, velhos problemas podem trazer velhas táticas reoxigenadas para novas estratégias de luta de um período que parece ser de intensa luta política e resistência a setores conservadores da sociedade.

REFERENCIAS

ARANTES, Aldo. **Aldo Arantes: As razões do colapso do sistema político.** Em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/283053-1> Acesso em: 18/07/2016

BLUMBERG, Patrícia. **BRASIL VIVE ATRASO SECULAR PARA DEMOCRATIZAÇÃO DA MÍDIA.** Em: <http://www.une.org.br/2013/01/brasil-vive-atraso-secular-para-democratizacao-da-midia/> Acesso em: 11/06/2016.

CINTRA, André. **Como a juventude se tornou prioridade no governo Lula.** Em: <http://vermelho.org.br/noticia/130975-1>. Acesso em: 10/06/2016

CONQUISTAS. Em: <http://ubes.org.br/memoria/conquistas/> Acesso em: 14/06/2016.

COSTA, Carla de Sant'ana Brandão. **Movimento Estudantil Contemporâneo: uma análise compreensiva das suas formas de atuação.** Disponível em: <http://www.liber.ufpe.br/teses/arquivo/20041022162258.pdf>. Acesso em: 20 out. 2013.

LANES, Camila. **Não à “Escola Sem Partido”, sim à Escola Democrática!** Em: <http://ujs.org.br/index.php/noticias/nao-a-escola-sem-partido-sim-a-escola-democratica-por-camila-lanes/> Acesso em: 17/06/2016.

MELO, Mariana. **A democratização da mídia e quem a defende.** Em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/conheca-cinco-candidatos-ao-congresso-que-defendem-a-democratizacao-da-midia-9981.html> Acesso em: 13/06/2016

O BRASIL DE LULA A DILMA. Em: <http://www.pt.org.br/wp-content/uploads/2014/09/CARTILHA-FINAL.pdf>. Acesso em: 13/06/2016.

SANTOS, Carla. **DIA DO ESTUDANTE: O MOVIMENTO ESTUDANTIL NÃO VIVE DO PASSADO.** Em: <http://www.une.org.br/2012/08/dia-do-estudante-o-movimento-estudantil-nao-vive-do-passado/>. Acesso em: 10/06/2016

SEVERO, Mirlene Simões. **ESTATUTO DA JUVENTUDE NO BRASIL: AVANÇOS E RETROCESSOS (2004-2013).** **Revista Eletrônica Juventude e Políticas Públicas**, São Paulo, v. 1, n. 5, p.1-16, jan. 2014. Disponível em: https://www5.planalto.gov.br/ojs_snj/index.php/snj/article/view/MIRLENE_SEVERO/pdf. Acesso em: 16 nov. 2015.